

XI ENCONTRO INTERNACIONAL DO CONPEDI CHILE - SANTIAGO

**DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO
SUSTENTÁVEL, GLOBALIZAÇÃO E
TRANSFORMAÇÕES NA ORDEM SOCIAL E
ECONÔMICA**

MARCOS LEITE GARCIA

IARA PEREIRA RIBEIRO

Todos os direitos reservados e protegidos. Nenhuma parte deste anal poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados sem prévia autorização dos editores.

Diretoria - CONPEDI

Presidente - Prof. Dr. Orides Mezzaroba - UFSC - Santa Catarina

Diretora Executiva - Profa. Dra. Samyra Haydêe Dal Farra Napolini - UNIVEM/FMU - São Paulo

Vice-presidente Norte - Prof. Dr. Jean Carlos Dias - Cesupa - Pará

Vice-presidente Centro-Oeste - Prof. Dr. José Querino Tavares Neto - UFG - Goiás

Vice-presidente Sul - Prof. Dr. Leonel Severo Rocha - Unisinos - Rio Grande do Sul

Vice-presidente Sudeste - Profa. Dra. Rosângela Lunardelli Cavallazzi - UFRJ/PUCRio - Rio de Janeiro

Vice-presidente Nordeste - Profa. Dra. Gina Vidal Marcilio Pompeu - UNIFOR - Ceará

Representante Discente: Prof. Dra. Sinara Lacerda Andrade - UNIMAR/FEPODI - São Paulo

Conselho Fiscal:

Prof. Dr. Caio Augusto Souza Lara - ESDHC - Minas Gerais

Prof. Dr. João Marcelo de Lima Assafim - UCAM - Rio de Janeiro

Prof. Dr. José Filomeno de Moraes Filho - Ceará

Prof. Dr. Lucas Gonçalves da Silva - UFS - Sergipe

Prof. Dr. Valter Moura do Carmo - UNIMAR - São Paulo

Secretarias

Relações Institucionais:

Prof. Dra. Daniela Marques De Moraes - UNB - Distrito Federal

Prof. Dr. Horácio Wanderlei Rodrigues - UNIVEM - São Paulo

Prof. Dr. Yuri Nathan da Costa Lannes - Mackenzie - São Paulo

Comunicação:

Prof. Dr. Liton Lanes Pilau Sobrinho - UPF/Univali - Rio Grande do Sul

Profa. Dra. Maria Creusa De Araújo Borges - UFPB - Paraíba

Prof. Dr. Matheus Felipe de Castro - UNOESC - Santa Catarina

Relações Internacionais para o Continente Americano:

Prof. Dr. Heron José de Santana Gordilho - UFBA - Bahia

Prof. Dr. Jerônimo Siqueira Tybusch - UFSM - Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Paulo Roberto Barbosa Ramos - UFMA - Maranhão

Relações Internacionais para os demais Continentes:

Prof. Dr. José Barroso Filho - ENAJUM

Prof. Dr. Rubens Beçak - USP - São Paulo

Profa. Dra. Viviane Coêlho de Séllos Knoerr - Unicuritiba - Paraná

Eventos:

Prof. Dr. Antônio Carlos Diniz Murta - Fumec - Minas Gerais

Profa. Dra. Cinthia Obladen de Almendra Freitas - PUC - Paraná

Profa. Dra. Livia Gaigher Bosio Campello - UFMS - Mato Grosso do Sul

Membro Nato - Presidência anterior Prof. Dr. Raymundo Juliano Feitosa - UMICAP - Pernambuco

D597

Desenvolvimento Econômico Sustentável, Globalização e Transformações na Ordem social e Econômica

[Recurso eletrônico on-line] organização CONPEDI

Coordenadores: Iara Pereira Ribeiro; Marcos Leite Garcia – Florianópolis: CONPEDI, 2022.

Inclui bibliografia

ISBN: 978-65-5648-579-9

Modo de acesso: www.conpedi.org.br em publicações

Tema: Saúde: Direitos Sociais, Constituição e Democracia na América Latina

1. Direito – Estudo e ensino (Pós-graduação) – Encontros Internacionais. 2. Desenvolvimento Econômico. 3. Globalização. XI Encontro Internacional do CONPEDI Chile - Santiago (2: 2022: Florianópolis, Brasil).

CDU: 34



XI ENCONTRO INTERNACIONAL DO CONPEDI CHILE - SANTIAGO

DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO SUSTENTÁVEL, GLOBALIZAÇÃO E TRANSFORMAÇÕES NA ORDEM SOCIAL E ECONÔMICA

Apresentação

No primeiro evento presencial após os anos de restrições sanitária em razão da pandemia do Covid-19, o XI ENCONTRO INTERNACIONAL DO CONPEDI realizado nos dias 13 e 14 de outubro de 2022, na cidade de Santiago, no Chile, foi marcado pela alegria do reencontro e pela oportunidade de debater pesquisas que se debruçaram na análise crítica da situação atual e na sinalização de caminhos que congregue o desenvolvimento e a justiça social. Os artigos apresentados no GT Desenvolvimento Econômico Sustentável, Globalização e Transformações na Ordem Social e Econômica I versaram sobre a Agenda 2030 da ONU, sobre os desafios da regulação setorial em geração de energia, saneamento, cabotagem, resíduos sólidos, propriedade intelectual, mídia digital e grandes conglomerados e sobre a atenção com a desindustrialização e a reflexão crítica em relação aos incentivos ao desenvolvimento empresarial para exigir o compromisso com os direitos humanos, com o incentivo ao trabalho, à educação e à democracia para a superação das desigualdades sociais, como, por exemplo, o uso de técnicas para uma linguagem mais acessível. As relações de consumo também foram objetos de análises com artigos sobre superendividamento, cláusulas abusivas nos contratos de plano de saúde, caso fortuito e força maior no CDC e ajuizamento de ações contra contratos bancários.

UMA NOVA CORRIDA ESPACIAL E A “COLONIZAÇÃO PELO CAPITAL”: A EXPLORAÇÃO DO ESPAÇO PELA ELITE GLOBAL COMO EPÍTOME DA DESIGUALDADE SOCIAL

A NEW SPACE RACE AND “COLONIZATION BY CAPITAL”: THE EXPLOITATION OF SPACE BY THE GLOBAL ELITE AS THE EPITOME OF SOCIAL INEQUALITY

Lucas Oliveira Vianna ¹
Maria Cougo Oliveira ²

Resumo

Diversos são os possíveis benefícios apontados pelos empreendimentos espaciais que constituem as mais novas obsessões de magnatas como Elon Musk, Jeff Bezos e Richard Branson. Contudo, diante desta aparente empreitada em prol do avanço científico da humanidade, a questão seria: por que Bezos, Musk e outros bilionários apostam na exploração do espaço? Nesse contexto, a partir dos conceitos de “gentrificação” (de Ruth Glass) e “colonização pelo capital” (de Rowland Atkinson), este artigo tem por objetivo refletir acerca da seguinte questão: em que medida a exploração do espaço protagonizada pelas grandes elites constitui uma expressão da desigualdade social? A partir de uma revisão bibliográfica, a hipótese sustentada por esse trabalho é a de que o modelo econômico de grandes conglomerados se assemelha a uma nova manifestação imperialista, responsável por capitalizar sobre a pobreza de massas inteiras em prol de interesses que atendem uns poucos.

Palavras-chave: Desigualdade social, Colonização pelo capital, Corrida espacial, Elite global

Abstract/Resumen/Résumé

There are several possible benefits pointed out by space ventures that constitute the newest obsessions of magnates such as Elon Musk, Jeff Bezos and Richard Branson. However, given this apparent endeavor for the scientific advancement of humanity, the question would be: why are Bezos, Musk and other billionaires betting on space exploration? In this context, based on the concepts of Ruth Glass’ gentrification and Rowland Atkinson’s colonization by capital, this article aims to reflect on the following question: to what extent does the exploration of space carried out by the great elites constitute an expression of social inequality? Based on a literature review, the hypothesis supported by this work is that the

¹ Doutorando em Direitos Humanos pela Unijuí. Mestre em Direitos Humanos pela mesma instituição. Pós-graduado em Ciência Política pela UniFil. Professor de Direito Constitucional e Direitos Humanos.

² Mestranda em Direitos Humanos pela Unijuí. Pós-graduada em Direito Civil e Processo Civil pela URCAMP. Bacharela em Direito pela URCAMP. Promotora de Justiça.

economic model of large conglomerates resembles a new imperialist manifestation, responsible for capitalizing on the poverty of entire masses in favor of interests that serve a few.

Keywords/Palabras-claves/Mots-clés: Social inequality, Colonization by capital, Space race, Global elite

INTRODUÇÃO

Gentrificação. Esse foi o termo cunhado pela socióloga Ruth Glass, em meados dos anos 60, para descrever o processo de substituição de famílias operárias por outras de renda mais elevada em distritos populares da área central de capital inglesa (GLASS, 1964). Pouco mais de meio século depois, Rowland Atkinson – que é professor do Departamento de Estudos Urbanos e Planejamento da Universidade de Sheffield – observa que Londres tornou-se o epicentro do mercado financeiro global e registra em seu território o recorde mundial de milionários por habitante (ATKINSON, 2020). Ele explica que a classe média londrina que, no passado, foi apontada por Glass (1964) como o principal agente da gentrificação, agora, no começo do século XXI, é ameaçada pela íngreme escalada na valorização do espaço urbano – efeito do maciço aporte de capital estrangeiro.

A tese apresentada por Atkinson (2020) é explícita no título de sua obra: “Cidade Alfa: Como Londres foi capturada pelos super-ricos”¹, numa tradução livre. O especialista em Estudos Urbanos e Planejamento costuma desenvolver pesquisas sobre segregação, gentrificação e criminalidade urbana e, nesta obra em específico, mostra como a apropriação do espaço urbano pelas elites impacta a vida dos mais pobres.

Atkinson explica que a urbe londrina se desenvolveu sob o jugo aristocrata e burguês aliado ao imperialismo britânico. O autor explica que apesar de as elites terem sua influência limitada nos anos dos governos trabalhistas – que consolidaram os mecanismos do *Welfare State* –, a crise financeira de 2007–2008 implicou uma reviravolta no contexto político e na evolução urbana de Londres, o que levou ao resgate do controle de Londres pelas elites. Além de justificar a implementação de decisões “pró-mercado” (que permitiram a entrada de capitais por meio de facilidades fiscais e da remoção de regulações financeiras), a crise endossou o discurso da austeridade que operou cortes em programas sociais que, ao fim, afetaram especialmente as condições de habitabilidade das camadas populares, em razão do desmantelamento do sistema público de moradia social (ATKINSON, 2020).

Todo esse processo deu as condições para que se estabelecesse aquilo que Atkinson (2020) chama “colonização pelo capital” e explora os impactos deste fenômeno sobre os grupos mais vulneráveis da urbe londrina: trabalhadores precarizados, jovens marginalizados e imigrantes ilegais. “O cotidiano dos ‘de baixo’ se tornou uma espécie de inferno urbano, enquanto os ricos continuam a extrair cada vez mais riquezas e a desfrutar tranquilamente seus estilos de vida” (ATKINSON, 2020, p. 165). Com efeito, se no passado havia uma

¹ No original, *Alpha City: How London Was Captured by the Super-Rich* (ATKINSON, 2020).

espécie de solidariedade ante os problemas dos mais pobres – o que respaldava investimentos públicos que funcionavam como freio a conflitos sociais –, hoje as mega-fortunas permitem que magnatas prescindam de compromissos com a esfera pública e desconsiderem qualquer agenda social.

Agora, o que a elitização da urbe londrina tem a ver com nova corrida espacial protagonizada por multimilionários? A leitura de Monteiro (2021) sobre o texto de Atkinson (2020) é que pavimenta o caminho para esse *insight*. O autor atenta para o fato de que “os valores e pressupostos ideológicos que constituem esse modelo [o da “colonização pelo capital”], no qual promotores privados são exaltados como salvadores da economia da cidade e que atrela seu dinamismo e vitalidade ao aporte de capital estrangeiro” (MONTEIRO, 2021, p. 2). Por sua vez, autores como sociólogos Michel Pinçon e Monique Pinçon-Charlot (2007) e a antropóloga Teresa Caldeira (2000) documentam o processo de reclusão das elites em enclaves fortificados em metrópoles como Paris e São Paulo, respectivamente.

De maneira similar, diversos são os possíveis benefícios apontados pelos empreendimentos espaciais que constituem as mais novas obsessões de magnatas como Elon Musk, Jeff Bezos e Richard Branson, dentre eles: a geração de emprego, os aportes em pesquisa tecnológica de ponta, a possibilidade da descoberta de fontes de combustível mais sustentáveis e afins (MUDGE, 2021). Contudo, diante desta aparente empreitada em prol do avanço científico da humanidade, a questão seria: por que Bezos, Musk e outros bilionários apostam na exploração do espaço? A resposta parece óbvia: “a indústria espacial foi avaliada em US\$ 385 bilhões em 2020, segundo a consultoria Euroconsult. E esse valor ainda pode crescer. [...] o mercado deve chegar a valer US\$ 1,4 trilhão já na próxima década, se aproximando dos US\$ 1,5 trilhão da indústria de turismo” (VITORIO, 2021).

Nesse contexto, este artigo tem por objetivo refletir acerca da seguinte questão: em que medida a exploração do espaço protagonizada pelas grandes elites constitui uma expressão da desigualdade social? A partir de uma revisão bibliográfica, a hipótese sustentada por esse trabalho é a de que o modelo econômico de grandes conglomerados se assemelha a uma nova manifestação imperialista, responsável por capitalizar sobre a pobreza de massas inteiras em prol de interesses que atendem uns poucos. Para tal, no primeiro momento, faz-se uma breve revisão do devir histórico da corrida espacial. Posteriormente, avalia-se como o modelo financeiro dos magnatas implica a exclusão de pobres. Ao final, defende-se a ideia da “colonização pelo capital” do espaço como a epítome do capitalismo de exploração.

1 A VELHA DISPUTA ENTRE EUA E URSS PELO ESPAÇO CÓSMICO

“A Segunda Guerra Mundial mal terminara quando a humanidade mergulhou no que se pode encarar, razoavelmente, como uma Terceira Guerra Mundial, embora uma guerra muito peculiar” (HOBSBAWM, 1995, p. 224). O historiador britânico parte da premissa de hobbesiana – a de que a guerra consiste não só na batalha, mas num período de tempo em que a disposição para o conflito é suficientemente conhecida – para descrever o que foi a chamada Guerra Fria entre os Estados Unidos da América e extinta União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

Eric Hobsbawm (1995, p. 224) explica que “a peculiaridade da Guerra Fria era a de que, em termos objetivos, não existia perigo iminente de guerra mundial”. Na verdade, para além da retórica apocalíptica que era utilizada por ambos os lados, o historiador relembra que os governos das duas superpotências aceitaram a distribuição global de forças no fim da Segunda Guerra Mundial, que – deve-se observar – equivalia a um equilíbrio de poder desigual, mas não contestado em sua essência (HOBSBAWM, 1995, p. 224)².

Nesse contexto geopolítico tenso, marcado por diversas alterações, o trabalho de cientistas passou a ser utilizado pelos governos das superpotências à medida que cumpriam funções militares:

Entre os pioneiros de estudos e experimentos em astronáutica merecem destaque Konstantin E. Tsiolkovsky, Robert H. Goddard e Hermann Oberth. Trabalhando independentemente, quase sempre com poucos recursos, **eles [...] demonstraram que foguetes de propulsão química poderiam um dia levar cargas úteis ao espaço.** Em geral seus trabalhos foram mal compreendidos e receberam pouco apoio. **A possibilidade concreta de uso militar dos foguetes é que levou os governos da Alemanha, da URSS e dos EUA, a partir de um dado momento, a apreciar e aproveitar os resultados obtidos por esses pioneiros.** Durante a Segunda Guerra Mundial a Alemanha investiu no desenvolvimento de foguetes de propelentes líquidos para transportar “bombas voadoras”. [...] Depois da guerra, **os EUA e a URSS aproveitaram a experiência dos alemães em seus programas de armamentos, cujos foguetes oportunamente também se prestariam à exploração do espaço** (CARLEIAL, 1999, p. 22, grifo nosso).

Assim, “a primeira corrida espacial foi uma questão espinhosa entre duas superpotências, União Soviética e Estados Unidos, que se desafiaram mutuamente e não deram trégua entre 1951 e 1969” (ECHARRI, 2021). A chamada Era Espacial teve início com

² “A URSS controlava uma parte do globo, ou sobre ela exercia predominante influência – a zona ocupada pelo Exército Vermelho e/ou outras Forças Armadas comunistas no término da guerra – e não tentava ampliá-la com o uso de força militar. Os EUA exerciam controle e predominância sobre o resto do mundo capitalista, além do hemisfério norte e oceanos, assumindo o que restava da velha hegemonia imperial das antigas potências coloniais. Em troca, não intervinha na zona aceita de hegemonia soviética” (HOBSBAWM, 1995, p. 224).

o lançamento do primeiro satélite artificial da Terra, o Sputnik I, em 4 de outubro de 1957. Tratava-se apenas de uma esfera de alumínio de 58 cm de diâmetro e 84 kg de massa, com instrumentos rudimentares e um transmissor de rádio. “Um mês depois a URSS pôs em órbita o segundo Sputnik, de meia tonelada, com uma cadela a bordo, usando um foguete com empuxo de centenas de toneladas” (CARLEIAL, 1999, p. 22). Já o primeiro satélite lançado pelos EUA com sucesso foi o pequeno Explorer 1, com apenas 8 kg, na data de 31 de janeiro de 1958.

A URSS atingiu a Lua com uma sonda de impacto (Luna 2) em setembro de 1959. No mês seguinte, com a Luna 3, obteve imagens da face da Lua que nunca é vista da Terra. Em 1960 os EUA lançaram um satélite meteorológico (Tiros 1), um satélite de navegação (Transit 1B) e um satélite passivo de comunicações (Echo 1). Este último era um enorme balão esférico inflado no espaço para refletir as ondas de rádio (CARLEIAL, 1999, p. 22).

Carleial (1999) destaca que ao fim do ano de 1959, um total de 44 satélites já tinham sido colocados em órbita. “Impulsionada pela Guerra Fria, a corrida espacial entre as duas superpotências começava a gerar resultados científicos importantes, como a descoberta dos cinturões de radiação que circundam nosso planeta” (CARLEIAL, 1999, p. 22).

Rosso (2017), ao comentar a gestão política da URSS observa que os setores que demonstraram um sucesso patente foi o da construção, especialmente, o da corrida espacial. “Depois de uma fase em que os dois lados [EUA e URSS] foram pondo em órbita insetos, roedores e mamíferos (a cadela Laika, os macacos Sam e Baker, uma longa série anônima de ratos e moscas-da-fruta), os soviéticos se impuseram com contundência” (ECHARRI, 2021, s.p.). “Em abril de 1961, meros três anos e meio depois do Sputnik 1, a URSS noticiou o voo orbital de Yuri A. Gagarin a bordo da Vostok 1, abrindo uma nova fase da conquista espacial, fascinante e dispendiosa, que culminaria com o pouso de astronautas na Lua” (CARLEIAL, 1999, p. 24).

[A corrida espacial] evidenciou o invejável progresso da ciência aplicada e da pesquisa soviética, além de ser de grande importância para a propaganda. Durante seu governo, a União Soviética levou uma clara vantagem frente aos Estados Unidos neste tema. Lançaram o primeiro satélite artificial (Sputnik I, no ano de 1957), a cadela Laika como o primeiro ser vivente no espaço (em 1957) e no ano de 1961, o primeiro voo espacial humano com Yuri Gagarin. Em 1963 levaram Valentina Tereshkova ao espaço (ROSSO, 2017, p. 99, tradução nossa).

Acerca do “atraso” da superpotência estadunidense, Carleial (1999) esclarece que os Estados Unidos possuíam amplos recursos econômicos e tecnologia suficiente, além de experiência própria e seus próprios especialistas. Contudo, a perspectiva da exploração do

espaço não empolgara a opinião pública nos EUA, onde o assunto era visto em setores do governo como uma disputa entre grupos rivais do Exército, Marinha e Força Aérea” (CARLEIAL, 1999, p. 23). O efeito disso foi que, devido a problemas organizacionais, os EUA ficaram a reboque da URSS no início da corrida espacial até o lançamento do Sputnik 1

Contudo, foi o impacto causado pelo sucesso soviético (o chamado “efeito Sputnik”) que levou os EUA a uma reação rápida. Nos setores políticos houve uma autocrítica ácida; nas ruas, cresceu a demanda popular por resultados imediatos.

O “efeito Sputnik”, além de diligenciar a criação da NASA, agência espacial constituída com base nos centros de pesquisa e equipes técnicas já disponíveis, desencadeou um processo de mudanças no sistema educacional. Em todo o país houve um esforço para ampliar e melhorar o ensino de matemática e ciências nas escolas (CARLEIAL, 1999, p. 23).

Com isso, as expedições espaciais tornaram-se cada vez mais complexas. “No início, astronautas solitários deram umas poucas voltas em torno da Terra a bordo das naves Vostok e Mercury. Depois voaram em grupos de dois ou três, cumprindo missões cada vez mais longas” (CARLEIAL, 1999, p. 24). Nesse contexto de expansão das expedições estadunidenses, em 1961, John F. Kennedy, presidente dos EUA, anunciou a meta nacional de explorar a Lua com astronautas antes do final da década. A partir daí, nos anos seguintes todas as etapas necessárias foram planejadas e levadas a cabo com sucesso. Então, “no Natal de 1968 três astronautas navegaram em torno da Lua a bordo da Apollo 8. Finalmente, a 20 de julho de 1969, Neil A. Armstrong e Edwin E. Aldrin Jr., da Apollo 11, pousaram no Mare Tranquillitatis” (CARLEIAL, 1999, p. 24).

Echarri (2021) comenta que esse feito estadunidense e o posterior ocaso de uma União Soviética corroída por seus problemas internos resolveram, basicamente, a corrida espacial tal como foi conhecida. Contudo, tempos depois a Rússia, em sua constituição atual, retomou seus programas espaciais, mas sem grandes novidades ou conquistas significativas.

Depois da era Apollo, o sonho futurista por antonomásia começou a ser conjugado no passado por aqui. A corrida espacial virou um decadente patrimônio de hangares em desuso, pistas desertas e enigmáticas estruturas de concreto corroídas pelo calor úmido, a chuva e a vegetação tropical. Ruínas de uma civilização que ardeu nas chamas do ônibus espacial Challenger em 28 de janeiro de 1986, ao explodir no céu perante os olhos do mundo, com sete astronautas a bordo, 73 segundos depois de decolar. Voltou a arder no Columbia – com outros sete tripulantes a bordo –, que se desintegrou ao reingressar na atmosfera terrestre, em 1º de fevereiro de 2003. E se extinguiu oficialmente quando, com o lançamento do último ônibus Atlantis, em 8 de julho de 2011, chegou ao fim oficialmente o programa Shuttle e os renunciaram a

enviar mais seres humanos à Lua a partir de seu território. Desde então, os astronautas dos EUA viajam para a Estação Espacial Internacional com escala na Rússia, a bordo das naves Soyuz, o programa espacial daquele que foi o arqui-inimigo galáctico a bater (GUIMÓN, 2019, s.p.).

Ao fim, como sintetiza Echarri (2021, s.p.): “Nas últimas décadas, ocorreram avanços muito significativos, mas não mais um fascinante duelo entre dois poderes globais e duas visões de mundo”.

2 BLUE ORIGIN, SPACEX E VIRGIN GALACTIC: A CORRIDA ESPACIAL PRIVADA

Há 52 anos, Neil A. Armstrong pronunciou as agora famosas palavras "*That's one small step for a man, one giant leap for mankind*"³. Com essa frase, os Estados Unidos cruzaram o objetivo da corrida espacial contra a extinta URSS, cujos méritos eclipsaram, em plena Guerra Fria. Contudo, relembra Natalia Otero (2021), o programa Apollo foi uma exceção que se tornou possível graças uma confluência de situações extraordinárias – e que chegou a custar o que hoje seriam 280 bilhões de dólares. E uma vez que as águas políticas que o fomentaram voltaram ao seu curso, não havia razão para repetir tal feito – e nem tal despesa (OTERO, 2021). Como dito anteriormente, a euforia pelo espaço, típica dos anos 60, foi consumida por uma espécie de indiferença.

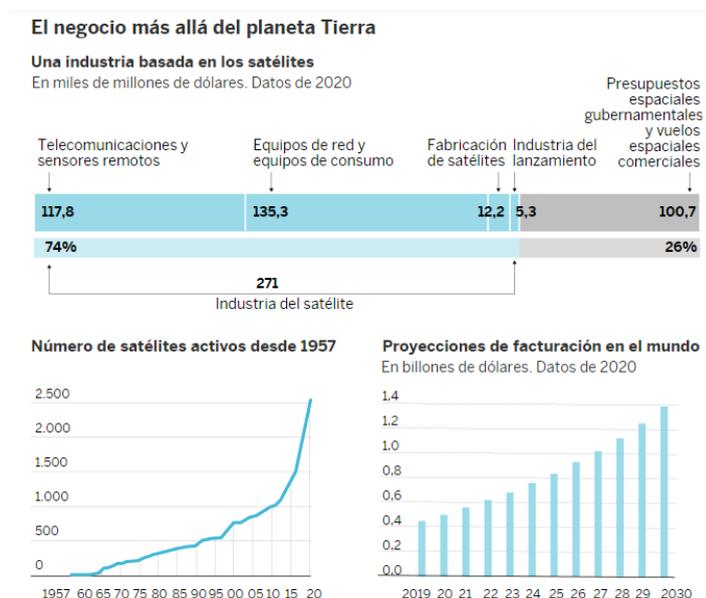
Contudo, nos decorrer dos últimos anos, surgiu um novo interesse marcado pela entrada dos maiores bilionários com desafios pessoais tão grandes como suas fortunas. No horizonte futurista enxerga-se: internet via satélite, exploração, turismo espacial, fabricação de gravidade zero, mineração. Natalia Otero (2021) observa que a comercialização da última fronteira deu um passo adiante com as recentes viagens da *Virgin Galactic* e *Blue Origin*, e o limite da extensão do capitalismo no espaço parece ser tão distante quanto a humanidade pode ir nele.

Nesse contexto, em meados dos anos 90, a Fundação XPrize ofereceu um prêmio de 10 milhões de dólares para quem conseguisse desenvolver um veículo espacial privado e reutilizável, capaz de transportar pessoas a 100 quilômetros da Terra. Alguns anos depois, um punhado de bilionários da chamada *era do software* viu uma miríade de oportunidades na conquista do espaço e decidiu fundar suas próprias empresas de transporte aeroespacial.

³ “É um pequeno passo para um homem, um salto gigante para a humanidade”, em tradução livre.

Com isso, a Administração Nacional da Aeronáutica e Espaço (NASA, na sigla em inglês) estadunidense inaugurou um novo modelo de relacionamento com o setor privado – que, até esse momento, funcionava estritamente com financiamento e controle do Estado. Em 2005, dois anos após o acidente do ônibus espacial *Columbia*, a NASA introduziu o programa de Serviços Comerciais de Transporte Orbital, que seria uma espécie de programa experimental com o objetivo de fazer estimular o mercado das empresas espaciais comerciais.

Aqui pode-se dizer que houve uma virada fundamental. Sete anos depois, em 2012, a *SpaceX Dragon* – nave desenvolvida e fabricada pela Space X, a fabricante estadunidense de sistemas aeroespaciais, de propriedade de Elon Musk – atracou na Estação Espacial Internacional (ISS) pela primeira vez. Depois disso, houveram diversas incursões privadas que expandiram a atuação privada no setor aeroespacial, como demonstra o gráfico a seguir:



(Imagem 1: Extraída de Otero (2021), a partir de dados de: Bank of America, OCDE, Statista, CNBC, Bloomberg, NASA, Bryce)

Especialistas comentam que o setor espacial vinha se movendo por inércia há anos, longe da euforia de décadas atrás, e o surgimento de novos atores privados injetou dinamismo e vontade de se reinventar (OTERO, 2021).

“O que agora está moldando o mundo do ponto de vista empresarial é a introdução de um novo tipo de investimento. Firmas de capital de risco, bilionários com uma visão de futuro para o espaço ... ”diz Carissa Christensen, fundadora e CEO da Brycotech, uma empresa de engenharia e análise.

“Esses investidores, especialmente desde 2015, permitiram o surgimento de centenas de start-ups”, diz Christensen. Esses atores toleram níveis muito altos de risco, diz ele, possibilitando que as empresas que financiam busquem objetivos maiores, mais transformação. Hoje, a principal fonte de financiamento do setor vem das empresas de capital de risco, 71%, 4 dos quase 6 bilhões de dólares investidos em 2019, segundo dados da Brycotech (OTERO, 2021, s.p, tradução nossa).

Nesse contexto, a corrida espacial privada é hoje uma pulsão entre o segundo e o primeiro homem mais rico do mundo, com uma fortuna combinada estimada em 388,5 bilhões de dólares. Nessa corrida, Jeff Bezos deu a largada nos anos 2000, com a fundação da Blue Origin. Seu principal concorrente, Elon Musk, o fez dois anos depois, fundando a SpaceX.

Recentemente, em 20 de julho deste ano, Bezos logrou sua primeira viagem à fronteira do espaço – em um voo suborbital, *i.e.* até um máximo de 100 quilômetros da superfície terrestre (FRANÇA, 2021) – com a cápsula *New Shepard*, desenhada e fabricada por sua própria empresa. “O empresário de 57 anos esteve acompanhado de uma tripulação eclética, que não inclui astronautas profissionais: foi o primeiro voo civil sem piloto ao espaço. Nenhum funcionário ou astronauta da Blue Origin esteve na aeronave” (G1, 2021).

Contudo, 9 dias antes deste feito, o multimilionário britânico Richard Branson, que fundou no ano de 2004 a Virgin Galactic, viajou à altura de 80 km da superfície terrestre a bordo da *Unity*, aeronave produzida por sua própria empresa. A respeito desta disputa instituída entre Bezos e Branson:

A competição entre os dois magnatas é feroz. A empresa de Bezos [a Blue Origin] sugeriu nesta sexta-feira que o que a Virgin Galactic oferece não são voos espaciais, porque eles não atingem a chamada linha Kármán, a 100 quilômetros de altitude considerada a porta do espaço pelos padrões internacionais. “Apenas 4% do planeta reconhece o limite de 80 quilômetros como o início do espaço”, disse a Blue Origin em suas redes sociais. A nave espacial de Branson requer um avião-mãe para ser lançada, enquanto o dispositivo de Bezos é um foguete vertical de decolagem e pouso capaz de atingir a barreira de 100 quilômetros (ANSEDE, 2021, s.p).

Elon Musk, por sua vez, é o magnata que ainda não protagonizou seu voo ao espaço, mas sua empresa, a SpaceX, já tem colecionado muitos feitos. A empresa de Musk “fornece serviços de lançamento para governos e outras companhias utilizando seus foguetes Falcon 9 e Falcon Heavy. Elon Musk fundou a SpaceX em 2002 com o objetivo de reduzir custos de transporte aéreo e, por extensão, viabilizar a colonização de Marte” (RINCON, 2020, s.p). A SpaceX destaca-se como a primeira empresa privada a conseguir consistentemente retornar à Terra estágios do foguete a fim de serem reutilizados, e não descartados. Com isso, ela tem feito transportes regulares de carga para a Estação Espacial Internacional.

Sua missão mais recente ocorreu em 30 de maio de 2020 quando, em parceria com a NASA, após 9 anos, os EUA voltaram a realizar uma missão tripulada ao espaço.

A história voltou a decolar no sábado desse pedaço de terra, sepultado agora em uma densa nuvem de vapor e uma descarga de decibéis deixados, em seu caminho ao espaço exterior, pela extraordinária criatura de um excêntrico sonhador bilionário. Esse lugar se conecta com a história da Humanidade e com o imaginário coletivo norte-americano. [...] Esse ponto do mapa foi escolhido mais de meio século atrás como trampolim ao espaço. No Centro Espacial Kennedy, em Cabo Canaveral, foi construída a Plataforma de Lançamento 39. Daqui decolou o Apollo 11 que levou o homem à Lua e aqui, no sábado, ressuscitou o sonho americano do espaço. Quando o relógio marcava 15h22, hora local [...], **decolaram os primeiros seres humanos colocados em órbita por uma empresa privada.**

A nova era do espaço, a da corrida espacial comercial, atingiu hoje seu feito mais importante com a decolagem da primeira missão tripulada privada à Estação Espacial Internacional (EEI), em uma viagem que deve demorar 19 horas. É a primeira vez em quase uma década que os Estados Unidos enviam astronautas ao espaço de solo norte-americano. A história se repete, mas, ao mesmo tempo, tudo é diferente (GUIMÓN, 2020, s.p, grifo nosso).

No horizonte futuro, o magnata Elon Musk já deixou claro seus planos de viabilizar a colonização de Marte. Matérias jornalísticas informam que Elon Musk está desenvolvendo um veículo que pode ser um divisor de águas nas viagens espaciais. *StarShip*, como é conhecida, será um sistema de transporte totalmente reutilizável, capaz de transportar até 100 pessoas para o Planeta Vermelho: “A filosofia fundadora da SpaceX, empresa privada de voos espaciais de Elon Musk, era tornar a vida multiplanetária. Isso é parcialmente motivado por ameaças existenciais, como um ataque de asteroide grande o suficiente para eliminar a humanidade” (RINCON, 2021, s.p).

Agora, resta a questão: o que há por trás dessas ambições dos bilionários de tornar a vida “multiplanetária”? Como foi possível que bilionários acumulassem uma fortuna tão grande ao ponto de substituírem os esforços de uma nação inteira na conquista do espaço? Seriam isso ganhos para a humanidade como um todo ou a mera expansão do horizonte dos negócios?

3 A “COLONIZAÇÃO PELO CAPITAL”: UMA NOVA FORMA DE IMPERIALISMO?

“Para entender a condição em que a cidade se encontra, devemos entender as alianças tradicionais entre Estado, capital e cidade” (ATKINSON, 2020, p. 9.8⁴). Essa é uma das

⁴ Algumas passagens foram extraídas da versão eletrônica da obra. Quando for esse o caso, serão indicados as posições no trecho no texto.

premissas que Atkinson marca na introdução de seu estudo sobre a conquista de Londres pelos super-ricos. Para ele, é certo que “as posições, redes e interesses de cada um se sobrepõem de maneiras complexas. No entanto, o poder do dinheiro também reside em sua habilidade sutil de cooptar e alinhar aqueles cujo trabalho está de alguma forma conectado ao serviço do capital ou dos próprios ricos” (ATKINSON, 2020, p. 9.8). Desse modo, desde os gestores políticos até os comerciantes, desde os gerentes comerciais até os prestadores de serviços liberais ou entregadores ou motoristas e “qualquer pessoa cujo sustento esteja ligado aos ricos”, todos estariam conectados a essa indústria da riqueza que tornou-se a mol da cidade por direito próprio (ATKINSON, 2020, p. 9.8, tradução e grifo nossos).

No entanto, o fato de que todos estejam, em alguma dimensão e de alguma forma, inseridos no que Atkinson chama de *indústria de riquezas*, isso não implica dizer que todos os componentes dessa grande engrenagem possuam igualmente o poder de decidir os rumos da cidade. Como era de se esperar, apenas os super-ricos tomam cartas no assunto.

A necessidade social foi deixada de lado pelas vitórias fáceis do capital global de livre flutuação e pelos bilhões de dinheiro lavado fluindo por meio de imóveis e finanças. Essa sombra foi amplamente fornecida pelos muitos blocos de torres construídos para investidores ricos. **As necessidades dos pobres da cidade, a maioria deles em famílias trabalhadoras, parecem ser ainda mais eclipsadas e marginalizadas pelas estatísticas que destacam o crescimento** do setor de serviços, a contribuição das finanças para a economia e o rápido desenvolvimento da cidade — as coisas que tem que continuar porque é bom para todos nós! Essa impressão de boa saúde é uma história narrada com entusiasmo por aqueles que fazem parte da classe política favorecida pelo capital e pelos ricos (ATKINSON, 2020, p. 13.8, tradução e grifos nossos).

Um ponto relevante captado por Atkinson (2020) é o caráter narrativo que é atribuído à mensagem de que os progressos do capital contemplam a todos indistintamente. É como se seu altruísmo e generosidade produzissem benefícios não apenas para uns poucos ricos, mas fosse suficiente para remunerar adequadamente todos os membros da cadeia produtiva. Como apontado pela leitura de Monteiro (2021, p. 2), essa estrutura narrativa apresentada pelo capital busca consolidar uma série valores e pressupostos ideológicos que constituem o modelo expansionista gerido pelos super-ricos, “no qual promotores privados são exaltados como salvadores da economia da cidade e que atrela seu dinamismo e vitalidade ao aporte de capital estrangeiro”.

Contudo, é imperioso questionar: será verdade que a *indústria de riquezas*, gerenciada por bondosos “salvadores da economia”, distribui seus frutos a todos os envolvidos? Bem, a resposta para essa pergunta tem duas metades. A primeira delas seria a seguinte. No quarto capítulo de seu livro, Atkinson afirma explicitamente que “Londres continua sendo um bom

lugar para ‘limpar’ o dinheiro dos ricos e, de fato, suas reputações e consciências. Muitos a veem como o destino preeminente do capital do crime” (ATKINSON, 2020, p. 142.5). O professor autor do livro explica como “a cidade oferece um dos ecossistemas mais avançados para lavagem de dinheiro e crimes financeiros”. Isso porque, “uma vez que os fluxos de capital criminal mal são tratados pelas autoridades regulatórias e policiais, a cidade como um sistema político, econômico e social complexo adotou efetivamente a riqueza do crime como meio de garantir sua aparente vitalidade” (ATKINSON, 2020, p. 142.5).

Londres oferece o que muitos especialistas acreditam ser o sistema mais avançado do mundo para lavagem de dinheiro e crime financeiro. Isso acontece porque uma série de facilitadores ajudam tanto criminosos ricos quanto ricos criminosos. Além disso, os modelos de negócios cotidianos de muitos bancos municipais, agentes imobiliários e advogados também estão envolvidos no processo de acolher criminosos ricos e ajudá-los a esconder seus ativos. Na história que se segue, muitos na vida política e comercial da cidade são contaminados pelo escândalo de sua condição de repositório de dinheiro sujo (ATKINSON, 2020, p. 144.9, tradução nossa).

Como se vê, é fato que, por um lado, o sistema financeiro da metrópole britânica acolhe de muito bom grado o capital de super-ricos e, para além disso, oferecem os mecanismos ideias para lavagem de dinheiro – e de reputações e consciências, diria Atkinson (2020). Os senhores da Cidade Alfa traçam os destinos da urbe londrina, tanto no campo material como imaterial. Mas, teriam os menos favorecidos as mesmas possibilidades? Essa é a segunda metade da pergunta feita anteriormente.

Embora a desigualdade tenha se tornado uma questão política central, as preocupações com a pobreza e a falta de oportunidades mal aparecem no radar social dos ricos. Como explica Atkinson (2020, p. 276.8), a vida abaixo dos ricos “tornou-se uma espécie de inferno urbano, enquanto os ricos continuam a extrair recursos cada vez maiores e a desfrutar de estilos de vida fáceis”. Esse *submundo urbano* é formado por locatários, trabalhadores precários, jovens marginalizados e uma multidão diversificada que depende de serviços públicos que estão em declínio rápido. E, na maioria das vezes, os ricos e seus facilitadores não percebem as extensas dificuldades daqueles com quem compartilham a *indústria da riqueza* e a cidade.

Londres é uma cidade de grandes desigualdades. Atkinson (2020) explica que mais de um quarto de suas famílias vive abaixo da linha da pobreza. Esse retrato imoral é ainda mais alarmante ao se notar que metade de toda a riqueza da urbe londrina está nas mãos dos 10% mais ricos de seus residentes. O especialista em Estudos Urbanos e Planejamento explica que desde a crise financeira global de 2007-2008, houve uma mudança significativa na forma

como essa desigualdade é compreendida pelas elites da cidade. “O capital tornou-se tão entrelaçado no mercado de terras da cidade alfa, seu mercado imobiliário e sua política, que isso não apenas oprimiu, mas também contribuiu para o apagamento de seus muitos residentes mais pobres” (ATKINSON, 2020, p. 278.0).

A maioria das pessoas vê ou experimenta dificuldades ao seu redor. A cobertura diária da mídia, grupos políticos e comunitários, inúmeras pesquisas acadêmicas e a máquina política da cidade permanecem emaranhados em debates sobre como a pobreza, a exclusão e a desigualdade permanecem características duradouras da vida urbana. Essas questões são bem compreendidas, e **a desigualdade e a pobreza podem ser encontradas em abundância nas cidades alfa, cujas economias são definidas pela presença de grandes setores financeiros e populações ricas.** No entanto, **as realidades áridas da vida na cidade permanecem ocultas dos próprios ricos em uma espécie de teatro urbano cujas cortinas, entradas, saídas e alçapões permitem visões de mundo isoladas, protegidas do sofrimento social** (ATKINSON, 2020, p. 276.8, tradução e grifos nossos).

O autor sustenta que a cidade estrutura e influencia a imaginação e o mundo mental habitado pelos ricos. O efeito natural disso é que os argumentos a favor da reciprocidade, do propósito comum ou da coesão social se rompem, pois trabalhar em prol disso é atuar contra seus próprios privilégios. Ao fim, uma pergunta capital lançada por Atkinson (2020, p. 276.8) é a seguinte: como uma ética de cuidado pode ser sustentada entre pessoas que nada sabem sobre a escassez e não têm contato com os necessitados? De maneira similar, para amoldar a indagação ao contexto desta pesquisa, pode-se questionar: de que forma uma visão altruísta de mundo pode ser cultivada por bilionários que capitalizam sobre as necessidades existentes em um capitalismo de exploração? O sonho de Elon Musk de colonizar Marte seria para todos?

4 A PROMESSA DE “ELYSIUM” E A EPÍTOME DO INDIVIDUALISMO CAPITALISTA

Este apartado do trabalho se baseia em duas premissas básicas: (1) a de que “a ficção científica é entendida geralmente como a tentativa de imaginar futuros inimagináveis. Mas seu assunto mais profundo pode ser de fato nosso próprio presente histórico” (JAMESON, 2005, p. 345); e (2) que “a narrativa distópica não se configura [...] apenas como visão futurista ou ficção, mas também como uma previsão a qual é preciso combater no presente. Ela busca fazer soar o alarme que consiste em avisar que se as forças opressoras que compõem o presente continuarem vencendo, nosso futuro se direcionará à catástrofe e barbárie” (HILÁRIO, 2013, p. 206-207).

É nesse sentido que o longa *Elysium* (2013) lança luz sobre a discussão deste trabalho. Pertencente ao gênero da ficção científica/distópico, o longa estadunidense, que é dirigido pelo sul-africano Neill Blomkamp, torna-se um dos mais fiéis retratos do que parece ser o futuro da corrida espacial em curso.

A ficção sócio-econômica-tecnológica em questão é ambientada na primeira metade do que seria o século XXII. No ano 2154, existem duas comunidades residentes no espaço e o critério de separação é bastante óbvio. Há uma elite, uma comunidade de ricos que reside numa espécie de estação espacial que orbita o planeta Terra. Neste lugar, que é chamado *Elysium*, o avanço biotecnológico possibilitou o desenvolvimento de tratamentos efetivos e curas para quaisquer enfermidades. Mesmo a morte é completamente revogável, graças ao sem-número de avanços tecnológicos. Além disso, os cidadãos desta pólis futurista dispõem de um complexo sistema de proteção praticamente infalível, que funciona à base de robótica de ponta. Com esse sistema, cada cidadão é devidamente registrado para, com isso, desfrutar deste paraíso artificial.

Claramente, o tal sistema de proteção tem a finalidade de impedir que possíveis infiltrados da Terra invadam o Elísio da elite futurista. Sim, pois em um contraste absurdo ao paraíso da elite, o restante da comunidade humana é constituída de pobres que remanescem no planeta Terra, caótico, sujo, poluído e super populoso, onde a escassez de recursos e o subemprego maciço condenam os habitantes à miséria, vendendo sua força de trabalho às indústrias escravocratas. Para além das circunstância humanas, os ecossistemas naturais estão destruídos, o sistema de saúde está colapsado e a segurança, neste estágio, está nas mãos de uma força policial composta de autômatos que reduzem as liberdades individuais de acordo com os desejos das elites.

A continuação da trama se dá mediante a busca desenfreada do protagonista – um remanescente da Terra que, após um acidente de trabalho em que é exposto à dose quase letal de radiação – por uma cura que é encontrada apenas nas chamadas *med bays*, que, por sua vez, só estão disponíveis em *Elysium*, onde os habitantes da terra não são bem-vindos.

O desenrolar da história oferece excelentes *insights* para reflexão, mas o único ponto que este artigo pretende resgatar é o cenário futurista de uma estação espacial fora exclusiva para uma elite. O nome escolhido pelos roteiristas da trama é, de longe, o mais adequado. Os Campos Elísios (Ἠλύσιον πέδιον) têm origem na mitologia da Antiga Grécia. Seria um lugar do mundo dos mortos onde os homens virtuosos repousavam dignamente após a morte, rodeados por paisagens verdes e floridas, dançando e se divertindo noite e dia. Este destino seria destinado apenas às almas dos heróis, santos, sacerdotes, poetas e deuses. Segundo

Homero, o Elísio estaria na parte ocidental da Terra, perto do Oceano, sendo descrito como uma terra feliz, sem neve, sem frio, sem chuva e sempre com a presença da brisa refrescante de Zéfiro. Para Hesíodo, estes Campos Elísios seriam nas Ilhas dos Eleitos ou Ilhas Afortunadas, no Oceano Ocidental.

Ao fim, a figura do paraíso grego se opõe ao conceito do Tártaro, que seria o abrigo dos mortos que estariam destinados ao eterno tormento e sofrimento. Em algumas versões da tradição, haveria um muro que separaria esses dois ambientes da mansão dos mortos.

Com isso, num exercício imaginativo de circunstâncias possíveis, o que se percebe é que a elite dos super-ricos do século 21 tem buscado desde já a construção de fortalezas privilegiadas, onde possam se manter distantes das realidades indesejáveis de urbes caóticas. Nesse sentido, sociólogos Michel Pinçon e Monique Pinçon-Charlot (2007) e a antropóloga Teresa Caldeira (2000) documentam o processo de reclusão das elites em enclaves fortificados em metrópoles como Paris e São Paulo, respectivamente. Em seu estudo sobre a captura de Londres, Atkinson diagnostica este processo:

A ansiedade e o medo são elementos-chave do tecido social mais amplo em que as pessoas comuns estão envolvidas. A ideia de uma cultura fixada em riscos potenciais, futuros incertos e um sentimento cada vez mais profundo de precariedade é onipresente. Onde os ricos diferem do resto de nós, entretanto, é na maneira como respondem aos medos do dia-a-dia com estratégias enormemente elaboradas e às vezes desproporcionais para alcançar um senso de controle total (ATKINSON, 2020, p. 231.9).

É interessante observar que este modelo exclusivista sempre esteve de mãos dadas com os modelos expansionistas de elites, fossem elas políticas ou econômicas. Voltando à temática da Guerra Fria, historiadores destacam as incoerências do contexto soviético:

no país que [...] estava na vanguarda da pesquisa espacial e desenvolveu programas científicos de ponta, **coisas tão inéditas e exasperantes poderiam acontecer como a inexistência de seringas descartáveis em hospitais e clínicas, ou a escassez de frutas frescas nas lojas de Moscou** (CORTÁZAR; LORENZO, 1990, p. 333, grifo nosso).

A verdade é que a qualidade dos serviços básicos de saúde ou a disponibilidade de gêneros alimentícios de primeira necessidade não eram prioridades para o regime soviético, pois pouco contribuem para a estabilidade política do regime. Seus investimentos maciços concentravam-se na indústria armamentista e na corrida aeroespacial, seu grande objeto de êxito, extremamente necessário à propaganda nacional. Sobre a importância política dos cientistas para o regime soviético, o historiador britânico Eric Hobsbawm explica:

Um tanto inesperadamente, foi na região soviética do globo que a ciência se tomou, quando nada, mais política à medida que avançava a segunda metade do século. [...] Os cientistas eram membros *par excellence* da nova, grande, educada e tecnicamente formada classe média profissional que iria ser a principal realização do sistema soviético, mas ao mesmo tempo a classe mais diretamente consciente das fraquezas e limitações do sistema. Eram mais essenciais para o sistema do que suas contrapartes no Ocidente, pois somente eles possibilitavam a uma economia, fora isso atrasada, enfrentar os EUA como superpotência. Na verdade demonstraram sua indispensabilidade fazendo com que a URSS por algum tempo ultrapassasse o Ocidente na mais alta das tecnologias, a do espaço cósmico. O primeiro satélite artificial (o Sputnik, 1957), o primeiro vôo espacial tripulado por homem e mulher (1961, 1963) e os primeiros passeios espaciais foram todos russos. Concentrados em institutos de pesquisa ou "cidades da ciência" especiais, articulados, necessariamente conciliados e com certo grau de liberdade concedido pelo regime pós-Stalin, não surpreende que as opiniões críticas fossem geradas no ambiente de pesquisa, cujo prestígio social era de qualquer modo maior que o de qualquer outra ocupação soviética (HOBSBAWM, 1995, p. 527)

Os cientistas gozavam de alguma liberdade a mais dentro do regime soviético dada sua importância para a evolução do projeto político comunista. A questão é: qual a relevância da massa do proletariado para as grandes elites que apropriam do espaço – terrestre e cósmico? Para responder a essa questão, retorna-se às análises de Atkinson sobre a Londres dos super-ricos. Para ele, “os membros do bloco de poder da cidade [...] agora procuram se afastar de um senso de obrigação e administração patricias”. Seja através de residências atrás de portões e muros altos, férias em iates ou praias inacessíveis, investimentos em esquemas para evitar ou sonegar impostos ou em hotéis exclusivos – “o sentido geral é de uma grande fuga, a separação cada vez maior do bem-sucedido e do dinheiro que eles comandam. Compreender o que aconteceu com a cidade quando o dinheiro a reformulou exige trabalho, mas o dividendo é uma visão sobre como conceber e planejar uma cidade melhor com base nos princípios de justiça, inclusão e justiça social” (ATKINSON, 2020, p. 11.1).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscava refletir acerca da seguinte questão: em que medida a exploração do espaço protagonizada pelas grandes elites constitui uma expressão da desigualdade social? A hipótese defendida é a de que o modelo econômico de grandes conglomerados se assemelha a uma nova manifestação imperialista, responsável por capitalizar sobre a pobreza de massas inteiras em prol de interesses que atendem uns poucos. A respeito disso, algumas considerações podem ser feitas:

- (1) A corrida espacial tornou-se pouco lucrativa para os governos nacionais. Mesmo as super potências como EUA e Rússia não enxergam a necessidade de despendere enormes somas de capital em projetos de exploração do espaço.
- (2) Com o protagonismo reduzido das nações, o *front* foi assumido por bilionários que, com suas empresas pessoais, disputam não apenas inovações na corrida aeroespacial, mas duas coisas extremamente importantes: no curto prazo, lucrativos contratos bilionários que são oferecidos por governos; no longo prazo, novos horizontes comerciais que possibilitam a expansão de seus empreendimentos. A expectativa é de que os investimentos bilionários realizados tenham retornos trilionários em 10 ou 15 anos.
- (3) Elon Musk, fundador e CEO da SpaceX, tem reiterado em diversas oportunidades de colonizar Marte. Como demonstrado neste trabalho, o comportamento das elites globais tem sido bem compreendido pelo conceito da “colonização pelo capital” (ATKINSON, 2020), por meio do qual os super-ricos ditam os rumos do progresso das cidades às custas da exclusão de massas inteiras de pobres progressivamente apagados nesta nova urbe dos mega ricos. Musk afirma que pretende tornar a realidade multiplanetária. Considerando o rumo de seus logros, não é difícil imaginar que logrará seu projeto. A questão é: tomando como referência os modelos de exploração econômica vigentes no presente, qual será o lugar para os pobres nesta nova realidade multiplanetária? Serão os condomínios luxuosos substituídos por planetas VIP, aos moldes de Elysium (2013)?

REFERÊNCIAS

ANSEDE, Manuel. El multimillonario Richard Branson viaja a la puerta del espacio con su propia nave. **El País**, 11 jul. 2021. Disponível em: <<https://elpais.com/ciencia/2021-07-11/el-multimillonario-richard-branson-viaja-a-la-puerta-d-el-espacio-con-su-propia-nave.html>>. Acesso em: 5 ago. 2021.

ATKINSON, Rowland. **Alpha City: How London Was Captured by the Super-Rich**. London: Verso, 2020.

CALDEIRA, Teresa. **City of Walls: Crime, Segregation and Citizenship in São Paulo**. Berkeley: University of California Press, 2000.

CARLEIAL, Aydano Barreto. Uma breve história da conquista espacial. **Parcerias Estratégicas**, v. 4, n. 7, p. 21-30, out. 1999.

CORTÁZAR, Fernando García de; LORENZO, J. M. **Historia del mundo actual:** 1945-1989. Madrid: Alianza, 1990.

ECHARRI, Miquel. Corrida espacial de Bezos e Branson: desenvolvimento tecnológico ou brincadeira de bilionários? **El País**, 22 jul. 2021. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/ciencia/2021-07-21/o-dilema-da-carreira-espacial-de-jeff-bezos-e-richard-branson-desenvolvimento-tecnologico-ou-brincadeira-para-bilionarios.html>>. Acesso em 5 ago. 2021.

ELYSIUM. Direção: Neill Blomkamp. Produção: Bill Block, Neill Blomkamp e Simon Kinberg. EUA: Sony Pictures Entertainment Inc., 2013.

FRANÇA, Ana. Jeff Bezos vai ao espaço, leva uma mulher que espera há 60 anos por esta viagem mas vai sem piloto. Veja em direto 600 segundos históricos. **Expresso**, 20 jul. 2021. Disponível em: <<https://expresso.pt/internacional/2021-07-20-Jeff-Bezos-vai-ao-espaco-leva-uma-mulher-que-espera-ha-60-anos-por-esta-viagem-mas-vai-sem-piloto.-Veja-em-direto-600-segundos-historicos-11b9ab75>>. Acesso em 5 ago. 2021.

G1. Jeff Bezos, homem mais rico do mundo, vai ao espaço e agradece a clientes da Amazon: 'Vocês pagaram'. **G1**, 20 jul. 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/tecnologia/inovacao/noticia/2021/07/20/jeff-bezos-voo-espaco.ghtml>>. Acesso em 5 ago. 2021.

GLASS, Ruth. **London: Aspects of Change**. London: MacGibbon & Kee, 1964.

GUIMÓN, Pablo. A nova era da corrida espacial: os milionários querem conquistar a Lua. **El País**, 20 jul. 2019. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/16/eps/1563292655_948592.html>. Acesso em 5 ago. 2021.

GUIMÓN, Pablo. SpaceX coloca dois astronautas em órbita e realiza um feito na corrida espacial privada. **El País**, 30 maio, 2020. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/ciencia/2020-05-31/spacex-faz-a-primeira-viagem-espacial-privada-da-historia-e-coloca-dois-astronautas-em-orbita.html>>. Acesso em: 5 ago. 2021.

HILÁRIO, Leomir Cardoso. Teoria Crítica e Literatura: a distopia como ferramenta de análise radical da modernidade. **Anuário de Literatura**, Florianópolis, v. 18, n. 2, p. 201-215, 2013.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos**. O breve século XX: 1914-1991. Tradução Marcos Santarrita. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JAMESON, Fredric. **Archaeologies of the Future: The Desire Called Utopia and Other Science Fictions**. Londres: Verso, 2005.

MONTEIRO, João Carlos Carvalhaes. A cidade dos ricos: financeirização e a captura do espaço pela elite global. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v. 23, e202106, 2021.

MUDGE, Rob. Bilionários lançam a era do turismo no espaço. **Deutsche Welle**, 20 jul. 2021. Disponível em: <<https://p.dw.com/p/3xkOZ>>. Acesso em 5 ago. 2021.

OTERO, Natalia. 2021: odisea millonaria en el espacio. **El País**, 8 ago. 2021. Disponível em: <<https://elpais.com/economia/2021-08-08/2021-odisea-millonaria-en-el-espacio.html>>. Acesso em 9 ago. 2021.

PINÇON, Michel; PINÇON-CHARLOT, Monique. **Les Ghettos du Gotha**: comment la bourgeoisie défend ses espaces. Paris: Seuil, 2007.

ROSSO, Jorge Velarde. Breve revisión a la historia de la Unión Soviética en el centenario de la Revolución Rusa. **Revista Ciencia y Cultura**, v. 21, n. 38, p. 89-121

RINCON, Paul. Lançamento da Nasa e da SpaceX: 10 questões sobre histórica missão para levar astronautas à Estação Espacial Internacional na cápsula Crew Dragon. **BBC Brasil**, 27 maio. 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52817728>>. Acesso em 5 ago. 2021.

RINCON, Paul. What is Elon Musk's Starship? **BBC**, 7 ago. 2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/science-environment-55564448>>. Acesso em 12 ago. 2021.

VITORIO, Tamires. Por que Bezos, Musk e outros bilionários apostam na exploração do espaço? **CNN Brasil**, 18 jun. 2021. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/business/2021/06/17/por-que-bezos-musk-e-outros-bilionarios-apostam-na-exploracao-espacial>>. Acesso em 5 ago. 2021.